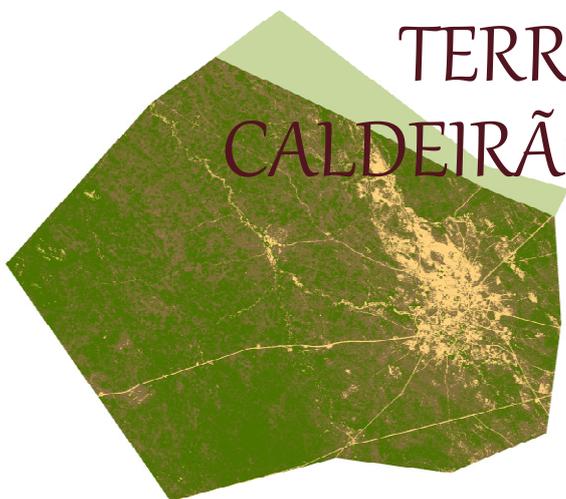




**MAPEAMENTO AGROECOLÓGICO DE COMUNIDADES TRADICIONAIS**  
**TERRITÓRIO FUNDO DE PASTO**  
**CALDEIRÃOZINHO, UAUÁ - BAHIA**



**Associação Comunitária Agropastoril da Fazenda Caldeirãozinho  
Uauá - Bahia**

**MAPEAMENTO AGROECOLÓGICO DE COMUNIDADES TRADICIONAIS**  
**TERRITÓRIO FUNDO DE PASTO**  
**CALDEIRÃOZINHO, UAUÁ - BAHIA**

## Ficha Técnica

### **Coordenação do Projeto Mapeamento Agroecológico de Comunidades Tradicionais - Território Fundo de Pasto Caldeirãozinho, Uauá (BA)**

Associação Comunitária Agropastoril da Fazenda Caldeirãozinho, Uauá - Bahia  
Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada - IRPAA

#### **Apoio**

MISEREOR

#### **Georreferenciamento, Cartografia, Fotografias, Sistematização e Diagramação**

Diego Cesar Alves Lima Verde

#### **Transcrição de Áudio**

Diego Cesar Alves Lima verde  
Jackson Bonfim Alves - Negritude  
Lucas Ricardo Souza Almeida  
Carlaíse Freitas Gomes

#### **Revisão**

Aldenisse de Souza Silva  
José Moacir dos Santos  
Maria Oberhofer  
Priscila Helena Machado



#### **Participantes**

**Comunidade Tradicional Fundo de Pasto Caldeirãozinho:** Antonio Camargo Moura Santana - Maria Olicelia Silva de Souza; Antonio Ribeiro dos Santos - Judith Gonçalves da Silva; Claudevaldo Ribeiro Gonçalves - Ana Lucia Nascimento Gonçalves; Claudionor Ribeiro Gonçalves - Maria Alice Gonçalves da Silva; Clébia Ribeiro Gonçalves - Milton Rodrigues de Souza; Clécia Ribeiro da Silva - Glaucivandes Batista Santos; Cleia Ribeiro Gonçalves - Luiz Carlos Moura; Cleiton Barbosa Pereira; Cleonor Ribeiro Gonçalves - Telma Ribeiro Gonçalves; Cleriston Ribeiro Gonçalves - Celina Gonçalves dos Santos; Cloves Ribeiro Gonçalves - Soeny Gonçalves dos Santos; Domingos Ferreira da Silva - Mironildes da Silva Rodrigues; Elailton Ferreira da Silva - Mônica Leite dos Santos; Eliane Pereira da Silva Oliveira - Thiago Alberto da Silva Oliveira; Elias Ferreira da Silva - Rosinala Ribeiro Pereira; Eneas Cardoso Rodrigues - Aldenoura Monteiro; Edeilson Gonçalves - Lenilda Ribeiro Oliveira; Francisco Rodrigues Santana - Terezinha Muniz de Oliveira; Gliciney Rodrigues da Silva; Izach Gonçalves da Silva - Adelita Ribeiro Moraes; João Silva Santana - Maria de Lourdes Moura Matos; José Edvaldo de Jesus Silva - Gabriela de Jesus Silva; Jose Mario Gonçalves Moraes - Maria Lucia Gonçalves da Silva; Jose Osmundo Pereira - Solineide Gonçalves Rodrigues; José Ribeiro Ferreira - Maria Helena Barbosa; Josenalva Moraes de Souza - José Gonçalves de Souza; Judenilson Ribeiro da Silva; Juscélio Ribeiro da Silva - Maria Isabel Moura de Santana; Justiniano da Silva Santana - Elite Barbosa; Laurentino Ribeiro; Laercio Gonçalves Santana; Lucia Borges dos Santos - Alberto Cardoso Rodrigues; Maikon Gonçalves dos Santos - Regiane Ferreira de Matos; Manoel Batista dos Santos Filho - Tânia Maria Ribeiro dos Santos; Manoel Lito Cordeiro Filho; Maria Carmelita Ribeiro da Silva; Maria de Lourdes Ribeiro de Jesus - José Ferreira de Jesus; Maria Elvira Gonçalves de Almeida - José Gilson Gonçalves de Moraes; Maria Gorete Ribeiro de Sena - José Roberto Ribeiro; Maria do Socorro Borges de Souza - Edesios Cardoso Rodrigues; Maria Jose Gonçalves Moraes - Balbino Gonçalves de Souza; Matheus Gonçalves dos Santos Silva; Pedro Celso Ribeiro - Bernadete Ribeiro Moraes; Pedro Gonçalves Neto - Cleide Ribeiro Gonçalves; Pedro Suzano da Silva - Eli Cardoso; Regiane Rodrigues Pereira - Joaquim Almeida de Oliveira; Ricardo Gonçalves Ribeiro - Juscelia Gonçalves da Silva; Rita de Cássia dos Santos Gonçalves; Waldijan Gonçalves Peixinho - Jaine Moura Santana; Walter Ribeiro Gonçalves - Leni da Silva Gonçalves; Wellington dos Santos Gonçalves - Juliana Domingo. **Equipe Técnica:** Diego Cesar Alves Lima Verde; Denis Vieira dos Santos; Judenilton Oliveira dos Santos Souza; Maria Oberhofer; Lucas Ricardo.

### Resistir para existir

Um povo sem memória é um povo sem presente e sem futuro. Contar a própria história é também uma forma de analisar o passado no presente para planejar o futuro. Manter viva a memória dos nossos ancestrais na cabeça dos mais novos é fundamental para que essa geração saiba quais são suas raízes. Se as raízes são fortes a planta resiste aos vendavais e as secas, resiste a todas as dificuldades sem perder a sua essência. Não podemos esperar que nossa história seja contada por outros. Precisa ser construída pela própria comunidade, de forma coletiva, unindo todas as gerações. O Ato de sentar para contar a sua história, sistematizada em palavras, imagens e fotografias, eleva a autoestima dos mais velhos da comunidade e enriquece o imaginário dos mais novos. Saber que são fruto de uma longa e coletiva luta pela existência, compreender o sentido da vida, o seu modo de ver o mundo e de estar no mundo é revolucionário. Essa cartilha do Mapeamento Agroecológico do Território Fundo de Pasto Caldeirãozinho, expressa uma tendência que vem crescendo entre os Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil, partindo da oralidade construir documentos físicos, escritos e digitalizados sobre a sua própria existência, se afirmando enquanto sujeitos de direitos que existem e que vão continuar existindo, insistindo e resistindo. A cartilha foi elaborada em mutirão, unindo todas as gerações da comunidade de Caldeirãozinho e contando com apoio de parceiros que compreendem esse ato como um ato de resistência. Nesses tempos de mudanças climáticas, de racismo ambiental, de pressão dos grandes empreendimentos sobre as terras e territórios, os povos e comunidades tradicionais apresentam seu modo de vida e de relação com a natureza como uma possibilidade de prolongamento da existência humana. É nisso que acreditamos. Parabéns ao povo de Caldeirãozinho!

“O mundo será melhor quando o menor que padece acreditar no menor”.

José Moacir dos Santos  
Presidente do IRPAA



**Abraço coletivo na barriguda**



**Caldeirão comunitário**



**Manejando o feijão andu**



**Cuidando da água**



**Altar da primeira igreja da comunidade**



**Seu Claudionor cuidando dos cavalos na Lagoa do Meio**

## **ONDE O TEMPO E A VIDA CRIARAM ESPAÇO**

A Comunidade Tradicional Fundo de Pasto Caldeirãozinho, no município de Uauá, faz parte da formação política e estrutural do movimento de articulação das Comunidades Tradicionais de Fundo e Fecho de Pasto da Bahia. Foi em Caldeirãozinho que a denominação Fundo de Pasto surgiu como forma de representação dos grupos criadores tradicionais do Semiárido baiano. Tiago Gonçalves, um vaqueiro poeta e pensador, nascido e criado em Caldeirãozinho, batizou o jeito de viver das comunidades das caatingas que lutam pelo direito as terras secularmente ocupadas. O Fundo de Pasto ou Terra Solta, como em algumas comunidades é chamada, representa a área livre de cercas que é utilizada de forma coletiva por todos que vivem na comunidade. É um espaço que vai além da criação extensiva de animais, o Fundo de Pasto faz parte da história vivida por gerações e sua manutenção representa a continuidade do modo de vida para as próximas que virão.

### **CUIDAR, ORGANIZAR E ENFRENTAR**

As variantes que limitam o Território de Caldeirãozinho foram feitas por necessidade. Invasores tentam há décadas entrar nas terras tradicionais. O povo com muita coragem faz o enfrentamento aos madeireiros, grileiros e mineradoras. É a luta de quem vive na terra em prol da continuidade de sua existência.

### **CONHECIMENTO TRADICIONAL**

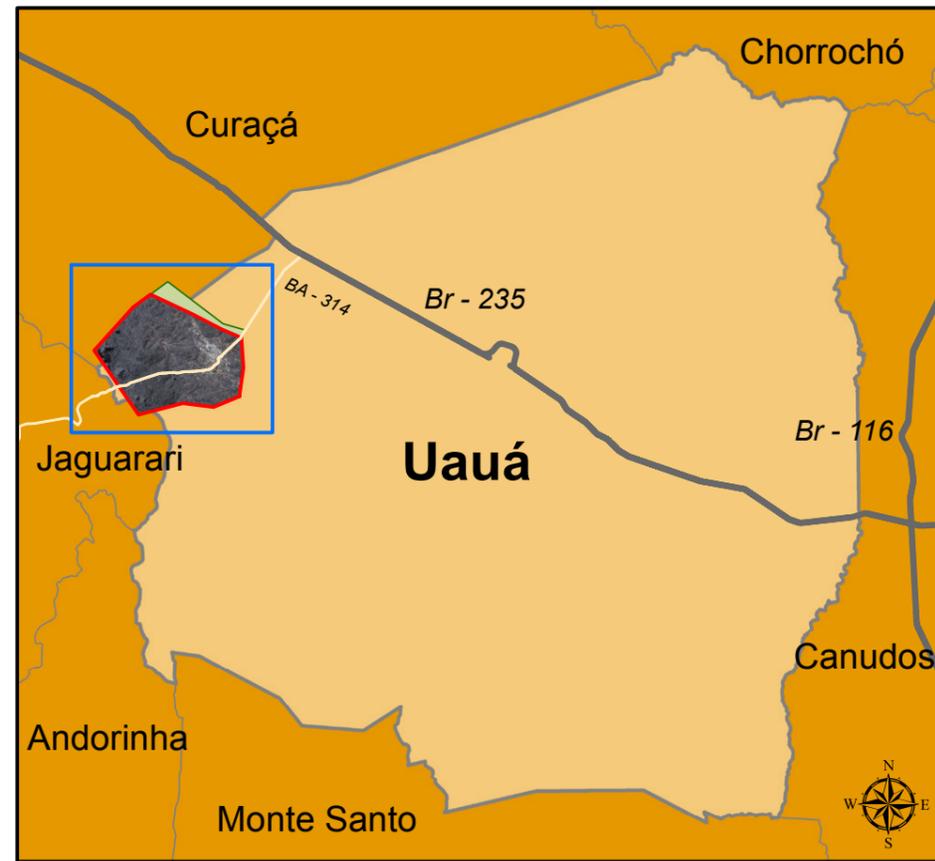
É uma cultura de vários costumes: cuida da terra, colhe da terra, armazena água da chuva, maneja os animais de criação, conhece de tudo que tem na caatinga. É desse bioma que se formam as raízes de suas histórias. O tempo é um passeio em suas memórias.

### **A PAISAGEM COMO ESPAÇO DE VIVÊNCIA**

Dentro do Caldeirãozinho cada local tem seu nome, as histórias desses nomes contam fatos que muitas vezes estão vivos apenas no imaginário dessa nova geração. Situações que marcaram um momento em um local determinado, criaram marcos na paisagem que sobrevivem ao tempo.

### **SÍMBOLO CULTURAL DO MODO DE VIDA**

A vida do vaqueiro não é fácil, labuta com o gado e a criação. Anda no meio do mato, nas veredas a procura do animal. Pra “piar” o gado as vezes se machuca nos espinhos, se não tivesse “encourado” lá no mato mesmo ficava enganchado. É a vida do vaqueiro, respeitado e a serviço de sua tradição.



**Realização:**



**Associação Comunitária Agropastoril da Fazenda Caldeirãozinho.**



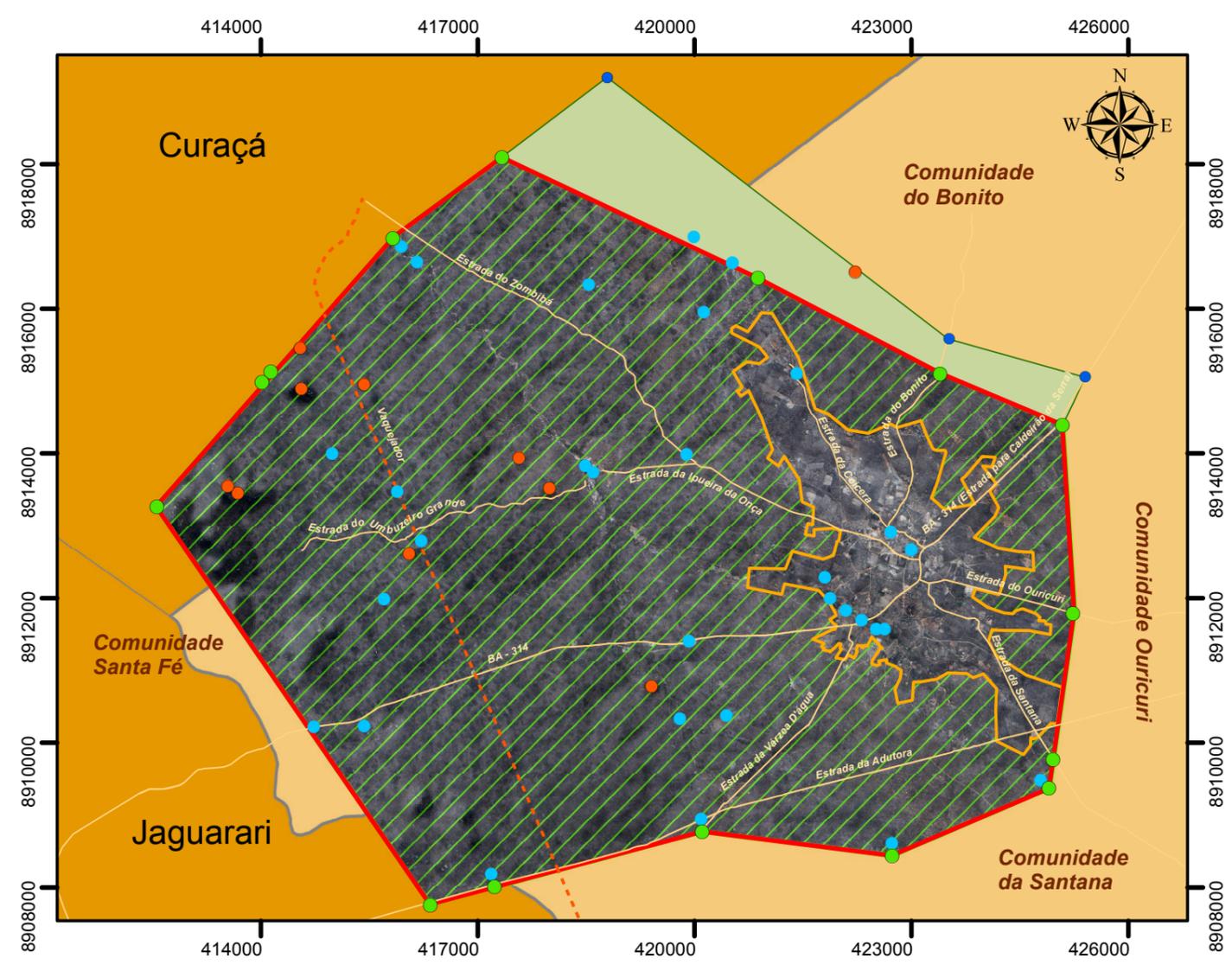
**Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada**



**Articulação Estadual de Fundo e Fecho de Pasto**

**Mapeamento Agroecológico de Comunidades Tradicionais**

Sistema de Coordenadas Planas: Projeção UTM  
 Datum horizontal: SIRGAS 2000  
 Fuso 24S (39W)  
 Escala: 1:120.000  
 Fonte dos Dados: INPE; IBGE; IRPAA; ANA, DNIT; Associação Comunitária Agropastoril da Fazenda Caldeirãozinho.  
 Cartografia: Diego C. A. Lima Verde  
 Data: Maio, 2023



**Território da Comunidade Tradicional Fundo de Pasto Caldeirãozinho, Uauá/BA**

**Legenda**

- América do Sul
  - Estados do Brasil
  - Semiárido Brasileiro - 2021
  - Municípios do Estado da Bahia
  - Capital da Bahia - Salvador
  - Rio São Francisco
  - Território Sertão do São Francisco
  - Município do Uauá - Bahia
  - Território da Comunidade Caldeirãozinho - 8.736,71 ha
  - Extremas do Território do Caldeirãozinho
  - Área do Fundo de Pasto - 7.705,28 ha
  - Área de Moradia e Áreas Individuais - 1.031,43 ha
  - Área do Acordo com a Comunidade Bonito - 779,25 ha
  - Estradas
  - Vaquejador
  - Fontes de Água da Comunidade
  - Serras e Serrotes
  - Pontos do Acordo com a Comunidade Bonito
- Área do Território no município de Curaçá: 1.481,17 ha  
 - Área do Território no município de Jaguarari: 143,61 ha  
 - Região do Submédio São Francisco  
 - Bioma Caatinga  
 - Clima Semiárido



**Maikon no local que deu o nome à comunidade**

# O CONTAR DO TEMPO

**Maycon Gonçalves dos Santos**

Nascido e criado na Fazenda Caldeirãozinho  
Casado com Regiane Ferreira de Matos  
Pai de Maria Rita, João Cássio e Felipe Neri

**A RAIZ DE TUDO** - “Segundo as histórias contadas pelos nossos antepassados, os primeiros moradores da fazenda Caldeirãozinho chegaram a partir da compra da fazenda Santana, por volta do ano de 1817. Uma senhora chamada Francisca de Lima Santana comprou a propriedade diretamente da Casa da Torre. Seus filhos, dividiram a terra entre si e um deles, que se chamava Vicente Ferreira, veio para Caldeirãozinho no ano de 1836. Foi a primeira família que habitou a nossa terra, depois vieram os Gonçalves para serem vaqueiros. Essas foram as duas primeiras famílias que se estabeleceram na comunidade.”

**OS FERREIRAS** - “Inicialmente, os Ferreira ou maxi, como são mais conhecidos, viviam da caça e da pequena agricultura, não tinham o costume de criar os animais. O Vicente Ferreira, patriarca dos Ferreiras, construiu a primeira casa. O nome da sua mulher era Ana Maria de Jesus. Naquela época, as cacimbas e os caldeirões eram praticamente as únicas fontes de água e elas abasteciam também as comunidades vizinhas.

**OS GONÇALVES** - “O gado foi uma atividade introduzida na comunidade pela família Gonçalves. O primeiro Gonçalves que veio chamava-se Francisco Gonçalves da Silva, mais conhecido como Francisco Chó. Sua mulher chamava-se Maria Lina Peixinho. Um dos filhos de Francisco Chó, Pedro Gonçalves da Silva, mais conhecido como Pedro Cheiroso, é tido como a primeira liderança da comunidade. Ele foi o primeiro que começou a defender o território de maneira mais formal, isso porque, ele tinha compreensão de leitura e escrita e muitos conhecidos na cidade de Senhor do Bonfim.

## Terra e Território

**RECONHECIMENTO DO MODO DE VIDA** - “Tiago Gonçalves, Filho de Pedro Cheiroso e nascido em 1920, era uma liderança comunitária antes mesmo de existir a associação. Inclusive, na década de 80 em uma das reuniões com órgãos do Governo do Estado, foi o Tiago que apresentou o termo “Fundo de Pasto” para o poder público. Tiago Gonçalves foi um grande nome da luta por direitos e justiça para as Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto.” **ORGANIZAÇÃO DO POVO** - “A comunidade só veio ter água encanada na década de 90 e luz depois dos anos 2000. Isso só foi possível a partir da formação de lideranças que começaram a organizar a comunidade em relação as demandas que a gente necessitava.” **CONTINUIDADE DAS LUTAS** - “Em 1995 é que foi fundada a Associação Comunitária Agropastoril da Fazenda Caldeirãozinho, tendo como primeiro presidente Cleonor Ribeiro Gonçalves, Filho de Tiago Gonçalves da Silva.” **AUTORRECONHECIMENTO** - “É um privilégio poder dizer que sou de uma Comunidade Tradicional Fundo de Pasto com mais de 200 anos de existência. Temos um vínculo familiar muito fortalecido, principalmente devido a religiosidade que é um dos pilares que mantém a tradicionalidade da comunidade.” **O COMUM** - “As rezas que são feitas a mais de cem anos e permanecem as mesmas, as relações de compadrio, as relações com os animais e muitas outras manifestações culturais, são mantidas vivas na nossa comunidade.” **SENTIMENTO COMUNITÁRIO** - “Essas tradições é o que nos faz querer permanecer e defender o nosso território. Sem a defesa do território a gente não existe. Não é questão de brigar por terra, mas sim defender aquilo que nós somos.” *Maycon Gonçalves dos Santos, uma das lideranças da comunidade.*



**Seu Lili manejando uma cabra na Coicera**

## Terra e Território

### “O Pedro Cheiroso é a primeira liderança de referência na comunidade”



**Casa do Pedro Cheiroso - 1941**

#### RECORDAÇÕES

Como são belos os dias  
Ao despertar das manhãs  
Ao sair do sol  
Por cima das montanhas  
As matas verdejantes  
O céu cor de anil

Ao sair pelos caminhos  
Olhando a natureza  
Vendo aquela beleza  
Punha-me a contemplar  
Coisa bonita não há  
Como esta grande riqueza  
Coisas da natureza  
que Deus nos ofereceu  
pra gente apreciar.

*Trecho do cordel do Tiago Gonçalves*



**Ipueira da Onça**

#### CAATINGA EM PÉ

“Para mim ser Fundo de Pasto é uma honra e um privilégio muito grande poder viver da nossa própria região, do nosso solo, criar o que a gente quiser. Cuidamos do meio ambiente porque para gente continuar vivendo aqui é preciso ter a caatinga em pé.” *Cleia Ribeiro Gonçalves, Presidenta da Associação Comunitária.*



**Cleia Ribeiro Gonçalves**

Presidenta da Associação Comunitária Agropastoril da Fazenda Caldeirãozinho

**Organização Social** - “A Associação Comunitária Agropastoril da Fazenda Caldeirãozinho deu início em 1995. Na época, a Fazenda Santana começou a organizar a formação de uma associação com os moradores de lá e os moradores daqui. Essa Associação seria chamada de Unidos da Santana. Durante essa organização, o ex-prefeito de Uauá, Olímpio, veio para fazer uma reunião para falar sobre a importância de uma associação, qual o seu objetivo e o que necessitava para iniciar uma. E aí, tio Cleonor, que na época morava fora, mas que estava aqui no dia dessa reunião, questionou por qual razão de estar formando uma associação junto com o pessoal da Santana, por que não formar essa associação somente com a Fazenda Caldeirãozinho. Essa indagação fez com que a comunidade decidisse por formar uma associação nossa, da comunidade. No mesmo instante, eles já formaram as chapas, uma era o tio Cleonor como presidente, João Cambaio vice, a professora Judite era a secretária e a Aldeneide era a tesoureira. A outra chapa, o presidente era o Humberto, os outros integrantes eu não lembro quem era. A chapa do tio Cleonor foi eleita e ele foi o primeiro presidente da Associação. De lá para agora já se passaram dez presidentes: Cleonor, Telma, Celso, José, Gilberto, Edilberto, Edgar, Ricardo, Maikon e agora eu que sou a Presidente.”  
*Cleia Ribeiro Gonçalves, Presidenta da Associação Comunitária.*

“Eu crescer vendo a luta”



Lista de animais silvestres



Construção da lista de plantas nativas da caatinga



Grupo de mapeamento participativo

**AVANTE** - As Mulheres precisam ocupar todos os lugares na sociedade, isso porque é necessário fortalecer a igualdade de gênero. É preciso olhar pra si e querer mudar, quebrar os próprios preconceitos.

**FORÇA E LUTA** - A mulher é proativa, tem um instinto de cuidado com o outro, de zelar das coisas e ainda tem foco. Mesmo diante da cultura patriarcal da nossa sociedade, por mais que a mulher ainda se prenda, tenha medo, a mulher na sua essência tem um grande desejo de mudança e faz acontecer. Quando a gente quer uma coisa a gente consegue.

**LIDERANÇA DA ASSOCIAÇÃO**

- Eu fui escolhida para presidente da associação porque a comunidade confia em mim, segundo eles, eu sou dedicada a causa, sou organizada e tenho experiência em trabalhos sociais e de movimentos.

**FAZER ACONTECER** - Meu cargo tem o dever principalmente de influenciar outras mulheres, isso porque toda vez que uma mulher ver outra na liderança ou a frente de algum serviço, elas aos poucos vão compreendendo que também podem ser protagonistas de suas vidas.

*Cleia Ribeiro Gonçalves*

## Terra e Território



**Construção do mapa mental**



**Mapa mental do território**



**Claudionor cheio de conhecimentos sobre o território**

**ESSA ORGANIZAÇÃO NÃO É DE HOJE** - “Sobre as grilagens, esse pessoal de fora tem um olhar aqui justamente por conta das nossas riquezas. O Fundo de Pasto em si é muito rico, mas os de fora não veem assim, eles enxergam isso daqui como terra para vender, para explorar. Tem também o interesse das mineradoras, aqui é tudo rico em minério. A intenção desses grileiros é pegar a terra e vender para as mineradoras. Se o povo daqui não fosse unido desde a época do meu avô, a gente não tinha mais nada, já não existia mais nada aqui. Foi com o meu bisavô que a luta começou, e aí, meu avô abraçou a causa e os filhos também. Ele sempre envolvia a comunidade, já trabalhava em forma de associativismo sem mesmo conhecer esse tipo de organização social, isso porque ele já sabia a importância de estar no coletivo. Ele conversava com todo mundo e explicava para o povo o que estava acontecendo. Chamava todo mundo para luta e todo mundo ia.”

*Cleia Ribeiro Gonçalves*

## Terra e Território



**Mapeamento participativo**



**Levantamento de áreas de uso comum**

**“O Fundo de Pasto que tem a área mais preservada do território é onde mais tem olho grande dos grileiros”**



**Um dos grupos socializando o levantamento feito na metodologia**

**“É na associação que a gente decide o caminho da comunidade”**

**EM COMUM ACORDO COM A COMUNIDADE** - “Eu morei muito tempo em Salvador porque eu trabalhava por lá, mas sempre vinha para a comunidade. Uma determinada vez que eu estive aqui, estava tendo um movimento sobre associativismo, foi um movimento que um prefeito de Uauá, na época, estava fazendo com as comunidades. Eu fui um dos que fundou a nossa associação e fui presidente em dois mandatos. Na época, a gente tinha 74 associados e tudo que fizemos foi sem recurso e sem financiamento. A gente trabalhava no sistema de mutirão. Éramos unidos pela mão de obra braçal. Nós fazíamos tudo aquilo que uma pessoa não conseguia fazer só e que era para o bem da comunidade. A gente se organizava para fazer mutirões de limpeza de aguadas, capina de roças, fizemos a construção da sede da associação, a ampliação da primeira igreja, a ampliação do cemitério e fazíamos o tijolo de adobe. A própria adutora quando chegou aqui a instalação da encanação também foi feito por a gente, entre outras coisas. Até hoje, o sistema de mutirão é feito na comunidade. É uma coisa do passado que ainda é forte no presente. Depois da nossa associação criada, surgiu uma associação em Pilar com o nome de FAESA (Federação das Associações), a gente se associou e o objetivo dessa associação era a construção de um frigorífico que abatesse os caprinos e ovinos da região. Eram um total de 110 associações afiliadas a FAESA, de vários municípios. Foi uma época muito boa, onde tivemos cursos sobre o cultivo de pastagem, manejo do animal, convivência com seca, tínhamos veterinários acompanhando os criadores, assistência técnica e fizemos intercâmbios pra conhecer outros frigoríficos para poder construir o nosso. Nessa época, também foi possível fazer um financiamento no PRONAF, onde fundamos uma pequena cooperativa de ração animal, que fez com que ao invés do criador comprar a ração do comércio, a gente comprava direto da cooperativa. Foi um tempo onde aprendemos muito sobre organização social”. *Cleonor Ribeiro Gonçalves, vaqueiro, criador e agricultor.*



**Reunião coletiva para construção do Mapeamento Agroecológico**

**“Na época éramos unidos pela mão de obra braçal. O mutirão”**

414000

416000

418000

420000

422000

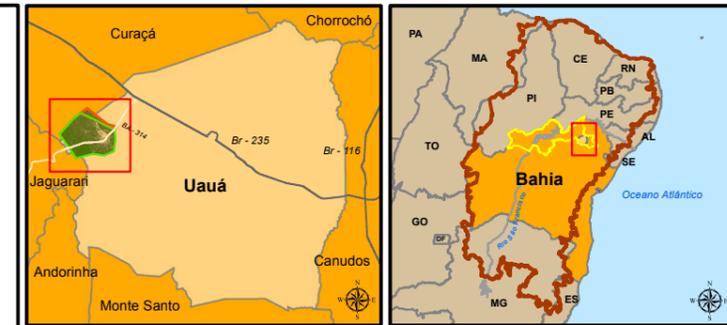
424000



Acordo sobre a demarcação territorial estabelecido pelas Associações Comunitárias das Comunidades de Caldeirãozinho e Bonito. Ambas as partes se comprometem à conservação ambiental e à ação conjunta em casos de invasão, esbulho ou qualquer outra forma de violação na área.  
- Área do Acordo - 729, 25 ha

### Legenda

- Estados do Brasil
- Semiárido Brasileiro - 2021
- Municípios da Bahia
- Território Sertão do São Francisco
- Município do Uauá - Bahia
- Rodovias
- Território Caldeirãozinho - 8.736,71 ha

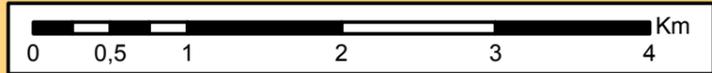


### Patrimônio Cultural e Natural do Território da Comunidade Tradicional Fundo de Pasto Caldeirãozinho, Uauá, Bahia

#### Legenda

- Marco na paisagem
- Limite territorial
- 1. Ponto do Acordo com Bonito
- 2. Canto da Roça da Bebelá
- 3. Ponto da Estrada Velha
- 4. Curva da Estrada
- 5. Vermelho do Ouricuri
- 6. Queimada Nova
- 7. Lagoa Comprida
- 8. Lagoa do Tanque
- 9. Alagadiço do Ladrão
- 10. Caldeirão das Baraunas
- 11. Pau Enfincado
- 12. Alto da Serra do Januário
- 13. Riacho da Barriguda
- 14. Canto da Cerca da Solta do Fernando
- 15. Poço da Carabeira Grossa
- Pontos do acordo com a Comunidade Bonito
- 1. Riacho da Pedra Grande
- 2. Umbuzeiro do Mané José
- 3. Ponto do acordo na Estrada
- Fontes de água
- 1. Riacho da Pedra Grande
- 2. Poço da Carabeira Grossa
- 3. Poço das Três Reis
- 4. Caldeirão da Barra
- 5. Riacho da Barra do Cágado
- 6. Alagadiço Grande
- 7. Tanque da Coiceira
- 8. Caldeirão do Mancinho
- 9. Barragem João Cambaia
- 10. Barreiro da Ipueira da Onça
- 11. Cacimba da Ipueira da Onça
- 12. Alagadiço do Bandeira
- 13. Lagoa de Baixo
- 14. Lagoa do Junco
- 15. Tanque Velho
- 16. Tanque da Rocinha
- 17. Caldeirão do Vicente
- 18. Cacimba Velha do Pedro Cheiroso
- 19. Barragem da Comunidade
- 20. Cacimba do Zé Custódio
- 21. Tanque Grande
- 22. Cacimba Grande
- 23. Alagadiço do Touro
- 24. Ipueira da Pedra Vermelha
- 25. Ipueira do Romualdo
- 26. Lagoa da Quixaba
- 27. Barragem do Antonio Borges
- 28. Lagoa Comprida
- 29. Alagadiço do Ladrão
- 30. Lagoa do Tanque
- 31. Caldeirão das Baraunas
- Serras e serrotes
- 1. Serrote do Mocó
- 2. Serrote do Menino
- 3. Serrote do Cunanã
- 4. Serrote Furado
- 5. Serrote Malhada de Juda
- 6. Serra da Barriguda
- 7. Serra do Caldeirão do Silvino
- 8. Serrote da Pulga de Batata
- 9. Serrote Lagoa do Junco
- 10. Serrote da Pedra Vermelha
- Igreja Antiga
- Igreja Nova
- Cemitério Antigo
- Cemitério Novo
- 1ª Casa - Vicente Ferreira
- Casa do Pedro Cheiroso
- Casa do Miguel e Ludujeira
- Associação Comunitária
- Posto de Saúde
- Escola Comunitária
- Campo de Futebol
- Currais e Chiqueiros
- Coiceira
- Ipueira da Onça
- Alagadiço do Touro
- Cazuzá
- Pedra Rachada
- Rompe Gibão
- Laje dos Facheiros
- Saco Fundo
- Pedra do Izébio
- Local do Incêndio no Caldeirão do Urubu - 1995
- Cazuzá
- Queimada das Algarobas
- Pedra da Trilha
- Umbuzeiro do Cuscuz
- Trilha Ecológica - 13 km
- Vaquejador
- Estradas
- Curso D'água

- #### Ameaças
- Tentativa de explorar minério
  - Estrada feita pelos grileiros
  - Exploração de quartzo



Mapeamento Agroecológico de Comunidades Tradicionais  
 Sistema de Coordenadas Planas: Projeção UTM  
 Datum horizontal: SIRGAS 2000  
 Fuso 24S (39W)  
 Escala: 1:65.000  
 Fonte dos Dados: INPE; IBGE; IRPAA; ANA, DNIT; Associação Comunitária Agropastoril da Fazenda Caldeirãozinho.  
 Cartografia: Diego C. A. Lima Verde  
 Data: Agosto, 2023

Realização:  
  
 Associação Comunitária Agropastoril da Fazenda Caldeirãozinho  
 Instituto Regional de Pesquisa e Apropriação Agropastoril

Articulação Estadual do Fundo e Fecho do Pasto

Curaçá

Jaguarari

8918000  
8916000  
8914000  
8912000  
8910000  
8908000

**CONVIVÊNCIA E ESPERANÇA**

- “A natureza do nosso território é muito importante para a gente viver. Aqui só é ruim no tempo seco, que é quando a gente acha que tudo vai acabar, mas aí chega à chuva e a natureza começa a se revestir de novo. A produção aumenta e a gente só pensa em ser feliz.” *Cleide Ribeiro Gonçalves, agente de saúde, agricultora e criadora.*

**A LUTA TAMBÉM É COLETIVA**

- “É a defesa do povo. Nós somos conscientes. Ninguém de fora vai explorar as nossas terras. Tem que estar vigilante. Um tempo atrás, fui andar na caatinga e vi um cavalo lá perto da picada que a gente fez para delimitar o território, quando olhei, vi uns caras atravessados para o lado daqui, tirando madeira para o lado de lá. Fizeram uma devastação. Eu estava com o celular na hora e filmei tudo e chamei a turma da comunidade. Fomos lá e fechamos a entrada que eles fizeram pra carregar a madeira pro lado de lá.” *Cleriston Ribeiro Gonçalves, vaqueiro, criador e agricultor.*

**SEMPRE ATENTO** - “Eu tenho 45 anos e sou neto de um dos mais velhos da comunidade. Um dos meus avós é o vaqueiro Felisiano e o outro é o Belarmino, os dois já morreram. O que eu tenho a dizer é que esses grileiros já fizeram de tudo pra entrar aqui e eu como sendo um dos fiscais da comunidade, se eu ver qualquer coisa eu caio pra cima. A gente que está à frente dessa luta já estamos traumatizados. Se a gente ver um carro já fica todo mundo agoniado, querendo saber quem é e o que quer.” *Juscélio Ribeiro da Silva, criador e agricultor.*



**Umbuzeiro do Mané José**



**Alto da Serra do Januário**

**“Riacho do Urubu, Poço da Coicera, Ipueira da Onça, Alagadiço do Touro... Todos esses nomes são coisas que aconteceram e o local ficou batizado com o nome do acontecimento”**

**“Eu e o Velho Tiago, nós sempre estivemos nessa luta. Essa briga do Fundo de Pasto é desde os tempos antigos”**



**Jaime na Lagoa do Tanque**



**Caraibeira Grossa**



**Baraúna da Lagoa Comprida**

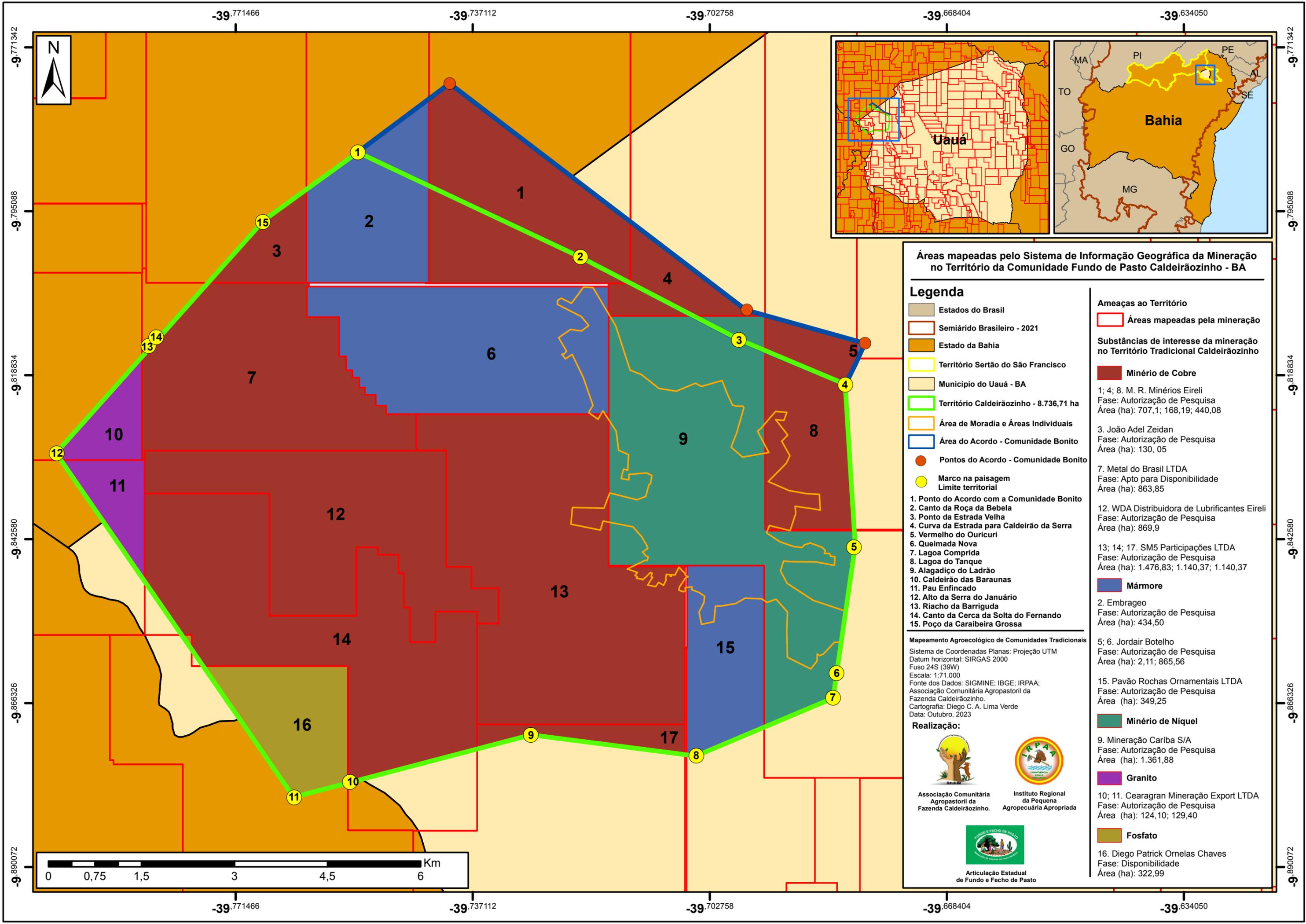


**Cleriston no ponto do Riacho da Pedra Grande**

**LEMBRANÇA DO IMAGINÁRIO** - “Antigamente, aqui onde tem essas caraibeiras, tinha uma que era mais grossa do que todas, hoje, ela não existe mais, mas o local ficou conhecido por Caraibeira Grossa. Formava um poço onde as pessoas antigamente lavavam roupa aqui. Hoje, mesmo sem essa caraibeira, o local é chamado por todos por esse nome. É a lembrança que a gente guarda.” *Cleriston Ribeiro Gonçalves, vaqueiro, criador e agricultor.*



**Parte da área de Fundo de Pasto no mês de janeiro, época do verde**



**Áreas mapeadas pelo Sistema de Informação Geográfica da Mineração no Território da Comunidade Fundo de Pasto Caldeirãozinho - BA**

**Legenda**

- Estados do Brasil
  - Semiárido Brasileiro - 2021
  - Estado da Bahia
  - Território Sertão do São Francisco
  - Município do Uauá - BA
  - Território Caldeirãozinho - 8.736,71 ha
  - Área de Moradia e Áreas Individuais
  - Área do Acordo - Comunidade Bonito
  - Pontos do Acordo - Comunidade Bonito
  - Marco na paisagem Limite territorial
1. Ponto do Acordo com a Comunidade Bonito
  2. Canto da Roça da Bebelá
  3. Ponto da Estrada Velha
  4. Curva da Estrada para Caldeirão da Serra
  5. Vermelho do Ouricuri
  6. Queimada Nova
  7. Lagoa Comprida
  8. Lagoa do Tanque
  9. Alagadiço do Ladrão
  10. Caldeirão das Baraunas
  11. Pau Enfiçado
  12. Alto da Serra do Januário
  13. Riacho da Barriguda
  14. Canto da Cerca da Solta do Fernando
  15. Poço da Caraibeira Grossa

**Mapeamento Agroecológico de Comunidades Tradicionais**  
 Sistema de Coordenadas Planas: Projeção UTM  
 Datum horizontal: SIRGAS 2000  
 Fuso 24S (39W)  
 Escala: 1:71.000  
 Fonte dos Dados: SIGMINE; IBGE; IRPAA;  
 Associação Comunitária Agropastoril da  
 Fazenda Caldeirãozinho.  
 Cartografia: Diego C. A. Lima Verde  
 Data: Outubro, 2023

**Realização:**



Associação Comunitária  
Agropastoril da  
Fazenda Caldeirãozinho.



Instituto Regional  
da Pequena  
Agropecuária Apropriada



Articulação Estadual  
de Fundo e Fecho de Pasto

**Ameaças ao Território**

Áreas mapeadas pela mineração

**Substâncias de interesse da mineração no Território Tradicional Caldeirãozinho**

- Minério de Cobre**
- 1; 4; 8. M. R. Minérios Eireli  
Fase: Autorização de Pesquisa  
Área (ha): 707,1; 168,19; 440,08
- 3. João Adel Zeidan  
Fase: Autorização de Pesquisa  
Área (ha): 130,05
- 7. Metal do Brasil LTDA  
Fase: Apto para Disponibilidade  
Área (ha): 863,85
- 12. WDA Distribuidora de Lubrificantes Eireli  
Fase: Autorização de Pesquisa  
Área (ha): 869,9
- 13; 14; 17. SM5 Participações LTDA  
Fase: Autorização de Pesquisa  
Área (ha): 1.476,83; 1.140,37; 1.140,37
- Mármore**
- 2. Embrageo  
Fase: Autorização de Pesquisa  
Área (ha): 434,50
- 5; 6. Jordair Botelho  
Fase: Autorização de Pesquisa  
Área (ha): 2,11; 865,56
- 15. Pavão Rochas Ornamentais LTDA  
Fase: Autorização de Pesquisa  
Área (ha): 349,25
- Minério de Níquel**
- 9. Mineração Cariba S/A  
Fase: Autorização de Pesquisa  
Área (ha): 1.361,88
- Granito**
- 10; 11. Cearagran Mineração Export LTDA  
Fase: Autorização de Pesquisa  
Área (ha): 124,10; 129,40
- Fosfato**
- 16. Diego Patrick Ornelas Chaves  
Fase: Disponibilidade  
Área (ha): 322,99

## Caldeirãozinho?! Por que esse nome?

Eu gosto de escrever  
Coisas do passado  
O que aqui alcancei  
E outras que me contaram  
Como a história de Caldeirãozinho

Em 1817, Vicente encontrou  
Nas terras da sua mãe  
Onde tinha muitos caldeirões  
E de lá se apossou  
Construiu sua casa e logo povoou

Então ele aqui fundou  
Com um nome delicado  
Por ter grandes lajedos  
Muitos caldeirões implantados  
Ele pôs este nome  
E hoje é registrado

Tinha caça pra comer  
E o mel pra adoçar  
Não conhecia o café  
O que tomava era chá  
Como não tinha farinha  
Do milho fazia o fubá

Nos tempos de trovoada  
Plantava milho e feijão  
O feijão dava bastante  
O milho dava produção  
Faziam o fubá  
E comiam com feijão

Carne tinha bastante  
O que quisesse comer  
Peba, preá e mocó  
Tinha pra escolher  
Se dava uma volta no mato  
Dava trabalho de trazer

Era muito difícil  
Vir um padre celebrar  
Vinha de Monte Santo  
Fazer os noivos casar  
E algumas crianças  
Que iam batizar

A corrida de argolinha  
Uma festa tradicional  
Todos tinham seus cavalos  
Cada um na sua vez  
As turmas tinham seus nomes  
Russiano e Japonês

Assim era Caldeirãozinho  
A minha terra natal  
Hoje já tem energia  
Água encanada, que legal!  
Comunicação pra qualquer lugar  
E carro pra os alunos estudar

Tem o clube dos vaqueiros  
Uma festa popular  
Tem missa nesse dia  
Vem gente de todo lugar  
Tem o aboio do vaqueiro  
Pra quem quiser escutar

Temos o futebol  
Um bonito campeonato  
Vem time de todos os lados  
Para serem elogiados  
Corre muito dinheiro  
E todos ficam animado

Temos um ótimo Fundo de Pasto  
Para a nossa criação  
Caprinos, ovinos e bovinos  
Todos com ótima produção  
Para nós produtores  
Ter nossa manutenção



**Casa do Tiago Gonçalves e Maria Ribeiro - 1913**

Criamos também galinhas  
Perus, guinés e pavão  
São aves que nos dão renda  
E temperam o feijão  
Temos um bom leite  
Para fazer o requeijão

Temos associação  
Com quase cem associados  
Sempre que tem mutirão  
Ninguém fica parado  
Queremos ver este lugar  
Cada dia mais organizado

Tem posto de saúde  
Com bons medicamentos  
Temos ótimos médicos  
Para atender o doente  
E das fazendas vizinhas  
Está vindo muita gente

Antigamente era difícil  
Um professor para ensinar  
Os pais de condições  
cuidavam em contratar  
Benício, Margarida e Maria Fenelom  
Que lá iam morar  
Para os seus filhos educar

Hoje temos o prédio escolar  
Para todos estudar  
Os pais falam para os filhos:  
Eu tinha que trabalhar  
E como aqui não tinha escola  
Uns iam pra outro lugar

Termo meu cordel  
Com alegria no coração  
Aos moradores e demais  
Preste muita atenção  
Caldeirãozinho é lugar  
De aconchego e satisfação.

**Terra e Território**

**“São os espaços que a gente vive”**



**Túmulos do Eronildes e do Zacarias**



**Escola da comunidade**



**Casa do Isaiás - 1937**



**Primeira igreja - 1951**



**Pedro e Izach na Pedra do Euzébio**

**Terra e Território**



**Igreja mais nova da comunidade construída pela associação**



**Primeiro cemitério**



**Posto de saúde**

**HISTÓRIA DE MENINO -**

“Quando éramos moleques traquinávamos muito. A gente fazia um monte de areia e subia na Pedra do Euzébio para pular na areia embaixo. Não foi no meu tempo, mas eu ouvi falar que um tal de Euzébio subiu nessa pedra e não conseguiu descer. E aí, o povo colocou esse nome na pedra. Hoje, eu não subo mais, mas antes eu subia correndo. Tem outra história que foi quando minha filha Marieta foi casar. Ela foi tirar umas fotos nessa pedra e subiu com o noivo, quando menos espera um papagaio veio voando e sentou no ombro do João Pedro, noivo da minha filha”. *Pedro Gonçalves Neto, criador e agricultor.*



**Tanque Velho**

**O SOBRENATURAL -**

“Tem uma história que eu só fui descobrir adulta. Tem uma coisa aqui no Caldeirãozinho que a gente chama de bichinho. Era tipo um diabinho que derrubava o povo que ia passando na estrada e fazia um monte de outras coisas. Ele costumava ficar próxima a casa da tia Cleomar e do tio Adolfo, em uma umburana-de-cheiro. Quem passava por lá a noite ele derrubava. Parecia uma raposa ou um cachorro preto pequeno, só que era ligeiro demais. Na verdade, ele era visto no Caldeirãozinho inteiro a noite. Do nada ele aparecia e de repente ele desaparecia. Ele passava por ali e se você tivesse distraído ele lhe derrubava. Não sei se morreu de velho, mas ele sumiu”. *Clébia Ribeiro Gonçalves, tesoureira da associação.*



**João Cambaio em frente a sua casa**

**A QUESTÃO DA TERRA -** “Os donos legítimos da Santana eram da Família do Vicente Ferreira, que era da família da minha mãe. Eram os donos legítimos que compraram uma sorte de terra a Torre, a Santana. A mãe do Vicente Ferreira, a Francisca de Lima, comprou essa terra do Visconde Garcia D’ávila. Ela comprou em 1817. Então, ela comprou e ficou pagando as partes para o Estado. Ela acabou de pagar esse terreno para o governo em 1839. Era um pedaço de terra muito grande.” *João Cambaio, agricultor e criador.*



**Bezerro no curral**



**Carabeira do Tanque Grande**



**Porta da casa do Miguel e da Ludujera - 1918**



**Claudionor na Lagoa do Junco em época seca**

**A PALAVRA -** “Este cemitério é o mais novo. Tem um mais antigo. Este túmulo aqui é o do Eronildes. Ele morreu há pouco tempo. Todo mundo tinha uma prosa danada com ele, pois, ele gostava de brincar. Aqui está dizendo que ele morreu com 101 anos, mas ele era mais velho. No registro ele é mais velho do que meu pai 2 anos, mas ele contava que quando chegou aqui pegava meu pai no braço. Provavelmente ele foi registrado depois. Esse Eronildes, quando foi um dia, estava aqui com outras pessoas para abrir um túmulo de alguém e fez um trato com o Zacarias. O trato era para que os dois fossem enterrados aqui na sombra dessa aroeira. O Zacarias morreu primeiro, quando o Eronildes morreu a gente cumpriu o trato por eles.” *Claudionor Ribeiro Gonçalves, vaqueiro, criador e agricultor.*

Traje e acessórios do vaqueiro



Corda para amarrar o gado



Ferrão para lidar com o gado



Gibão



Reio de couro



Claudionor mostrando as luvas do vaqueiro



Careta para o gado



Chocalho que ajuda na identificação do vaqueiro



Cloves mostrando como colocar o guarda-peito do cavalo



Punhal



Cleriston e o guarda-peito



Serrote para serrar a ponta do chifre do gado



Sapatos de couro



Arreio para o cavalo



Perneira e ferradura



Colete que fica embaixo do gibão



Chapéu de couro

**“Era o que eu via desde de pequeno: a lida no mato, labutando com os animais. Isso me fez nunca querer trabalhar com outra coisa, sempre foi nessa vida de vaqueiro que eu trabalhei”**



Cela para o cavalo



Chifre para armazenar água

**ARTE DE COURO TRADICIONAL** - “O gibão que a gente usa é feito em Santa Rosa de Lima. Os oficiais do couro a maioria são de lá. A gente encomenda e eles fazem. Um gibão dura muito tempo. Isso vai depender do tanto que você usa. As vezes vai mais de 5 anos. Quando fura, a gente manda para um oficial do couro e ele faz o remendo. Daqui para se acabar custa muito tempo.”  
*Cleriston Ribeiro Gonçalves, vaqueiro, criador e agricultor.*

**“O meu pão de cada dia é tirado aqui com os animais. É no boi, na cabra e no carneiro que a gente tira o dinheiro para fazer a feira, manter as despesas e viver”**

**DIA A DIA DO VAQUEIRO** - “Quem trabalha no mato tem várias histórias de carreira de boi, mas tem uma que ficou na história para mim. Eu era um cabra meio novo na época e um rapaz da comunidade vizinha, do Bonito, o Seu Vitor, companheiro véi da gente, chamou eu, o Claudionor, o Zé Prequeté e o falecido Isael da Fazenda Cachoeira para pegar dois bois pretos no Bonito. Uma casada de boi de 18 arrobas. A gente achou os bois e eu corri com um e o Zé Prequeté correu com outro. Aí, eu peguei um e quando eu estou com o boi já amarrado, o Zé Prequeté chega sem o outro boi. Então, eu perguntei onde estava o outro boi e ele me respondeu que um pau tinha entrado e quebrado os arreios do cavalo, ficando somente em cabresto e o boi foi embora. Passou um momento, a gente ali parado, quando da fé, sai os cachorros latindo do mato em nossa direção, acuando o boi. Isso na tardezinha e o sol já se pondo. Uma caatinga danada. E aí, eu corri para o cavalo e coloquei os arreios, mas os cachorros passaram direto. O Zé pediu para eu esperar, mas eu agoniado acompanhei os cachorros que iam com o boi. O sol já tinha se posto, estava escuro e eu tornei a botar o cavalo em duas carreiras seguidas com o boi. Até que o boi virou para mim e eu estava sem a corda que tinha ficado com o outro boi amarrado. Então, entrei na cabeça desse boi. Eu estava muito cansado e esse boi me suspendia que eu nem colocava mais o pé no chão. Eu estava sem força e sem folego para dominar, então pulei fora da cabeça dele. Quando pulei, ele ficou querendo vir para cima de mim e eu me escondi por trás de uns paus da caatinga. Depois eu tirei o gibão, tirei a camisa, estava morto de cansaço e com uma sede braba. O que pude fazer foi ficar tocando o assovio pra ver se os companheiros chegavam e foi o que aconteceu. O boi tinha ficado por ali e foi aquela luta para laçar esse boi. O boi estava valente. Em uma das horas que o boi foi para cima do Claudionor, ele deu uma facada e furou o boi. Aí foi que piorou tudo, no escuro e o boi valente. Foi então que o Zé conseguiu laçar o boi, mas ele brabo ainda. O Isael, que já era um senhor na época, entrou na cabeça do boi e foi aquela luta. Sei que conseguiram derrubar o boi e terminamos de piar no escuro riscando fósforo. Eu não tinha mais força para nada e uma sede danada. A gente veio beber água no Bonito na casa do Seu Vitor, que era o dono dos bois.” *Cleriston Ribeiro Gonçalves, vaqueiro, criador e agricultor.*



**Cloves “encourado” indo para o mato lidar com o gado**



Área de manejo dos animais: Ipueira da Onça

## Terra e Território



**Curral e aprisco da Ipueira da Onça**

**“O amansador é quando faz um curral em uma aguada no meio do mato e leva o gado para lá”**

**LOCAIS VIVIDOS** - “O filho do Vicente Ferreira, que foi o primeiro habitante da comunidade, fez uma rocinha lá na Ipueira da Onça. Na época era uma caatinga fechada e nem esse nome de Ipueira da Onça tinha. É um local bonito. Tem umas ipueiras onde passa o riacho. Um certo dia, ele estava dormindo lá e à meia noite a cachorrinha dele ficou danada latindo. Ele observou e era a onça. Viu a bichona estremeando. Ele então, danou lenha no fogo e fez uma labareda bem alta para espantar a bicha. Antes do dia amanhecer, ele veio aqui na comunidade, chamou outro irmão e foram atrás do rastro da onça. Acharam ela lá no Serrote Furado dentro de uma toca, onde mataram a bicha. Essa Ipueira antes disso acontecer não se chamava Ipueira da Onça, passou a ser chamada assim depois que onça bebeu água lá. Isso tem muitos anos, o Vicente Ferreira era vivo na época e ele morreu em 1874.” **AMEAÇAS ANTIGAS** - “A caiçara da Ipueira da Onça foi feita pelo meu avô em 1943. O grileiro já trouxe diversos compradores para essa nossa área, inclusive, já chegou até a vender, mas a gente não deixou ninguém entrar. Em 1957, esse primeiro grileiro entrou junto com outro vaqueiro aí nas caatingas e queimou essa caiçara. Foi o primeiro prejuízo que ele nos deu nessa nossa área. Depois disso, foram várias as agressões cometidas por esse grileiro.” *Claudionor Ribeiro Gonçalves, vaqueiro, criador e agricultor.*

## Terra e Território



**Gado em frente ao curral**



**Angico antigo na beira da Ipueira**



**Família colhendo umbu e alfavaca na Ipueira da Onça**



**Gados dentro do curral**



**Cleriston e seu cachorro indo embora da Ipueira da Onça**



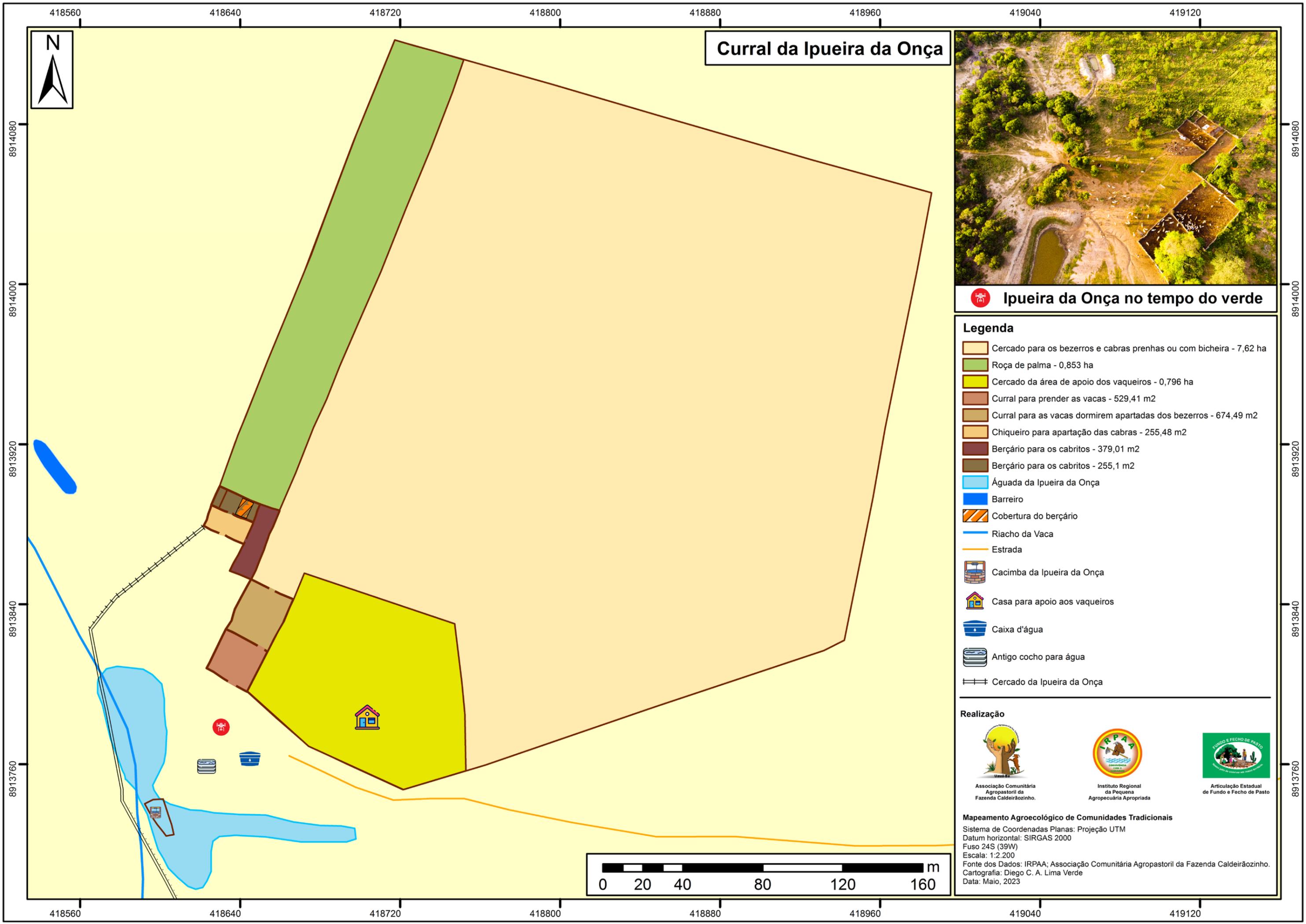
**Caprinos no aprisco**



**Izach e Edvaldo sentados em um antigo bebedouro**



**Marcos dando um banho no cavalo na aguada da cacimba**



# Curral da Ipueira da Onça



 **Ipueira da Onça no tempo do verde**

## Legenda

-  Cercado para os bezerros e cabras prenhas ou com bicheira - 7,62 ha
-  Roça de palma - 0,853 ha
-  Cercado da área de apoio dos vaqueiros - 0,796 ha
-  Curral para prender as vacas - 529,41 m2
-  Curral para as vacas dormirem apartadas dos bezerros - 674,49 m2
-  Chiqueiro para apartação das cabras - 255,48 m2
-  Berçário para os cabritos - 379,01 m2
-  Berçário para os cabritos - 255,1 m2
-  Águada da Ipueira da Onça
-  Barreiro
-  Cobertura do berçário
-  Riacho da Vaca
-  Estrada
-  Cacimba da Ipueira da Onça
-  Casa para apoio aos vaqueiros
-  Caixa d'água
-  Antigo cocho para água
-  Cercado da Ipueira da Onça

## Realização



Associação Comunitária Agropastoril da Fazenda Caldeirãozinho.

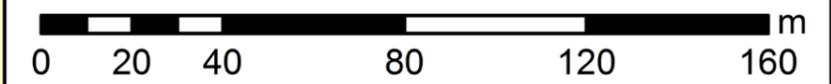


Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada



Articulação Estadual de Fundo e Fecho de Pasto

**Mapeamento Agroecológico de Comunidades Tradicionais**  
 Sistema de Coordenadas Planas: Projeção UTM  
 Datum horizontal: SIRGAS 2000  
 Fuso 24S (39W)  
 Escala: 1:2.200  
 Fonte dos Dados: IRPAA; Associação Comunitária Agropastoril da Fazenda Caldeirãozinho.  
 Cartografia: Diego C. A. Lima Verde  
 Data: Maio, 2023



## Terra e Território



**Cabritos no berçário**



**Sinal na orelha de identificação do dono**



**Maikon contando sobre os sinais na orelha da criação**

**REGISTRO TRADICIONAL** - “Aqui é o sinal. O documento dos animais. O registro de quem é o dono. Tem o mourão na orelha direita que representa a família e tem também o sinal da orelha esquerda que representa o dono da criação. Esses sinais não podem andar separados. É como se o mourão fosse o RG e o sinal da orelha esquerda o nome da pessoa. No caso da família do Pedro Cheiroso, o mourão é formado pelo corte da forquilha junto com corte do coice de porta. Esse sinal é o mesmo para toda família. Aqui na orelha esquerda desse cabrito tem o corte da morsa e da levada, esse sinal indica que é do tio Cloves esse animal. Na minha família é a forquilha e a coice de porta por cima da orelha direita. Já o sinal individual do meu pai são duas morsas e uma levada. O meu, são três morsas por cima e uma levada por baixo. Na comunidade também tem gente que faz o sinal do garfo no mourão. Isso vai fazendo a diferença. As vezes tem o mesmo sinal na orelha esquerda, porém na orelha direita o sinal muda”. *Maikon Gonçalves dos Santos, criador, agricultor e ministro da palavra.*

## Terra e Território



**Chocalho**

**“O chocalho ajuda a achar os animais no mato. Você sair atrás de uma cabra parida no mato sem ela está com chocalho, é muita sorte se encontrar”**



**Curral próximo a casa do Pedro Cheiroso**



**Gados do Claudionor comendo feno**



**“Para viver no Semiárido é preciso ter um movimento para sobreviver, e o bode, para nós, está em primeiro lugar”**

**A CULTURA DO CRIAR** - “A época que tem mais leite é o tempo do “verde”. A gente pega a vaca, traz para o curral, junta a criação e traz ela também para o chiqueiro. Aparta o “marrom” que ainda está mamando, e aí a gente tem grande produção de leite. O leite de cabra a gente faz o queijo e do leite da vaca a gente faz o requeijão, apura a manteiga e boa parte a gente consome. Uma outra parte é vendido para a gente fazer a feira e comprar as coisas que está precisando. Esse ano o caprino vai ter sua parição agora na entrada do mês de abril, e aí, lá para o mês de outubro e novembro, essa cabra que pariu agora, se o tempo correr bem de chuva, tem outra parição. Ela chega a parir duas vezes se o ano tiver bom de chuva. O tempo do leite da vaca, se continua as chuvas de início de ano, às vezes, acontece de ir com a vaca no curral até o mês de junho, que é quando a gente solta as vacas. Agora mesmo está bom de chuva, mas a gente já soltou. A caatinga já enverdeceu toda, mas a gente não tem condições de juntar novamente porque o gado está todo na caatinga comendo bem. Nesse caso, a gente fica só olhando. O bezerro vai desenvolver rápido porque está comendo o verde e a vaca dando leite toda hora. As vacas que estavam no curral agora no início do ano, elas já saíram do curral quase todas enxertadas. No caso, elas pegaram cria no mês de fevereiro e vão dar produção no mês de outubro para novembro.” *Cloves Ribeiro Gonçalves, vaqueiro, criador e agricultor.*

**DENOMINAÇÕES** - “O marrão é aquele que quando deixa de ser cabrito e cresce mais um pouquinho, a gente o aparta da mãe e bota no chiqueiro para ele dormir só. No outro dia, a cabra amanhece com uma quantidade grande de leite pra gente tirar logo cedo.” *Cloves Ribeiro Gonçalves, vaqueiro, criador e agricultor.*

**TRADIÇÃO DO LEITE** - “Tomei leite de cabra toda vida, desde que nasci. Minhas filhas foram criadas com leite de cabra desde de pequenininhas. Toda vida tive leite de cabra. Todo dia cedinho eu tiro leite de cabra. As 5 horas eu já estou lá no curral. Esse leite é para vender, consumir, fazer umbuzada e queijo. Minhas cabras leiteiras são saanen misturadas com parda. Elas não podem ser criadas soltas porque acaba cruzando com um bode pé duro, e aí, perde a raça e o leite fica pouco. No caso, a gente também não pode deixar o bode reprodutor junto com a cabra de leite porque isso faz com que o leite fique com gosto e cheiro ruim. Outras coisas que deixam o leite com gosto ruim é quando a cabra come vargem de algaroba e leocena. Se você engordar a criação só com leocena a carne é ruim demais. Para minhas cabras de leite eu dou torta de algodão e soja, mas no momento de chuva o que mais tem é comida aí no Fundo de Pasto. Nesse tempo de chuva eu não vendo tanto leite porque todo mundo tem, eu vendo mais leite quando entra o verão.” *Pedro Gonçalves Neto, criador e agricultor.*

## Terra e Território



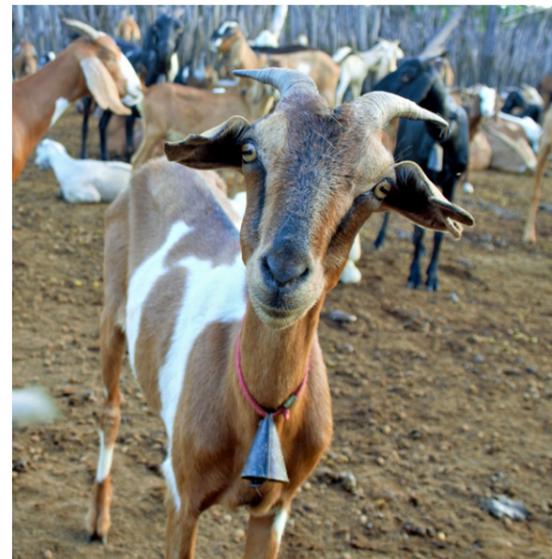
**Pedro tirando leite da cabra**



**alimentando as cabras com palma**



**Aprisco da Ipueira da Onça**



**Cabra pintada**



**Soltando a criação para pastar no Fundo de Pasto**

## Terra e Território



**Cleriston e Claudionor amarrando o bezerro no curral**

**“O bezerro passa a garrote quando ele está com 6 a 7 meses. Nessa fase, a vaca o aparta porque já está com outro filhote na barriga. Ela fica sem querer dar de mamar, enjeitando-o porque o bezerrinho que está na barriga dela já está faltando de 4 a 5 meses para nascer”**



**Dona Maria Alice e ao lado uma manta de bode tradicional**

**“Do bode a gente aproveita tudo. O fato, o bucho, a tripa, o coração, o bofe e a língua, tudo vira buchada”**

**SABEDORIA DOS MAIS VELHOS** - “Essas mantas são feitas desde os mais velhos. Dos bem mais velhos mesmo. Naquela época não tinha geladeira. E aí, quando matava a criação era retalhada a carne, salgava e deixava no sol para secar. Depois que ela estava toda enxuta, que era quando saía toda a salmoura, ou seja, o sangue tinha escorrido e ela estava seca. Essa manta era tirada do sol e colocada na sombra dentro de casa. Nas casas já tinham um pau pendurado, amarrado no teto, que era para estender a carne. Foi o jeito que acharam para não apodrecer a carne. Hoje tem geladeira, tem freezer pra congelar. Essa prática dos mais velhos só é feita quando a gente quer uma carne de sol ou carne seca.” *Maria Alice Gonçalves da Silva, criadora, agricultora e cozinheira.*



**“A palma na época de seca braba é a forrageira que mantêm a criação em pé”**

## Terra e Território

“A água sempre foi um desafio, mas sempre a gente deu um jeito”



Cacimba da Ipueira da Onça



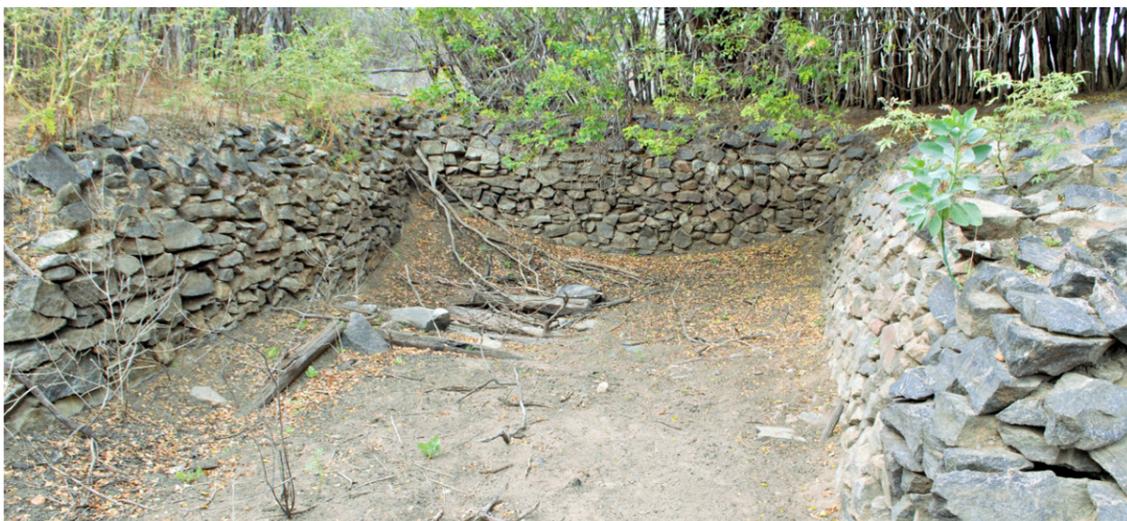
Cacimba da Ipueira da Onça cheia



Barragem da Comunidade



Tanque da Coicera



Cacimba do Zé Custódio

## Terra e Território



Seu Claudionor na Cacimba do Pedro Cheiroso



Cacimba Grande



Tanque da Rocinha

**NOSSAS FONTES** - “A cacimba velha do Pedro Cheiroso é a segunda mais antiga daqui. É do tempo da primeira casa dele. Eu puxei muita água aqui. Antigamente todo vaqueiro vinha pegar água nessa cacimba. Ela era um pouco mais salobra e o uso era mais para os animais. Quando chegou meu tempo de trabalhar, aqui, pela manhã, era muito gado. Dava gosto demais. Eu comecei a trabalhar com um vaqueiro chamado Marcos. Ele era vaqueiro do meu avô Pedro Cheiroso e depois foi vaqueiro do meu pai. Ele faleceu em 1969, e aí, o meu avô Pedro Cheiroso colocou outro vaqueiro para trabalhar comigo. A gente trabalhou aqui na cacimba até 1985 que foi quando fizeram a barragem. Depois disso, a barragem secou em 1993, e aí, foi preciso voltar a trabalhar na cacimba novamente. Ela ainda estava completa, cheia de água. Hoje ela está entupida, mas se cavar tem água. Mas aí não tem precisão porque hoje tem outras fontes de água na comunidade.” *Claudionor Ribeiro Gonçalves, vaqueiro, criador e agricultor.*



**Lagoa de Baixo: uma das principais fontes de água da Comunidade**

**“Nessa caatinga as plantas sempre tem uma utilidade para o nosso dia a dia”**

**PLANTA DE CURA** - “Eu com uma dor danada nas costas, puxando para o peito e já estava agonizado. Aí, os companheiros chegaram pra gente ir campear no mato e eu disse que não iria por causa dessa dor. O Joãozinho, cheio de prosa, disse: não vai o que compadre? Então, ele insistiu dizendo que quando chegasse na caatinga, ele iria preparar um remédio para eu ficar bom. E aí, fomos. Compramos uma garrafa de cachaça e quando chegamos perto do riacho ele se “apiou”, arrancou três pezinhos de alfavaca, cortou, tirou só a raiz e machucou as três raizinhas. Quando acabou, colocou na garrafa de cachaça e tocamos para o mato. Quando paramos, eu ainda mal, encostado na cela e sem aguentar, o Joãozinho foi lá na garrafa e botou um bocado da cachaça com alfavaca no coco da minha cela. Estava amarelinha da raiz. Depois disse para eu beber, eu bebi e cochilei. Acordei mais tarde com os companheiros chamando para ir campear. Quando levantei, estava “sãzinho”. Sem dor no peito, nem nas costas e em mais lugar nenhum. E tocamos atrás do gado. Até hoje, se apresentar aquela dor, eu faço logo um chazinho de alfavaca. A alfavaca é muito boa e todas as partes dela serve para melhorar a saúde. Aqui nasce natural, quando chove, aparece em todo canto.” *Claudionor Ribeiro Gonçalves, vaqueiro, criador e agricultor.*



**Fruta do bruteiro ainda verde no pé**



**Pau-de-colher na beira da barragem do Riacho do Cazuzá**

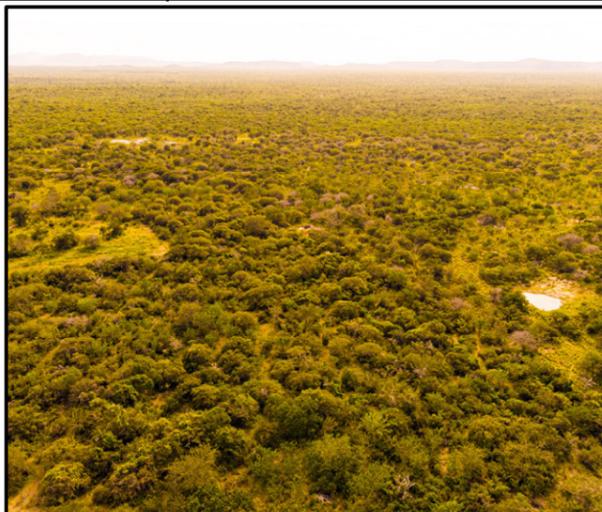


**Umburana-de-cambão no Fundo de Pasto**



**Mandacaru conhecido pela comunidade como um dos maiores do território**

# Uso e ocupação do solo no Território da Comunidade Fundo de Pasto Caldeirãozinho, Uauá, Bahia



Fundo de Pasto na "época do verde" visto da roça do Seu Zé Lídio

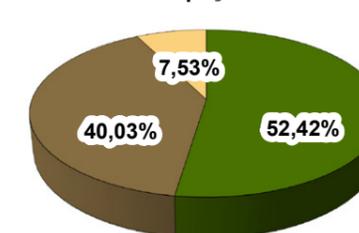


No horizonte o Fundo de Pasto no período de hibernação da Caatinga

## Legenda

- Território da Comunidade Caldeirãozinho
- Área de moradia e áreas individuais
- Área do acordo com a Comunidade Bonito
- Extremas do Território Caldeirãozinho
- Fontes de água
- Pontos do acordo com a Comunidade Bonito
- Drenagem
- Estradas
- Vaquejador

### Uso e ocupação do solo



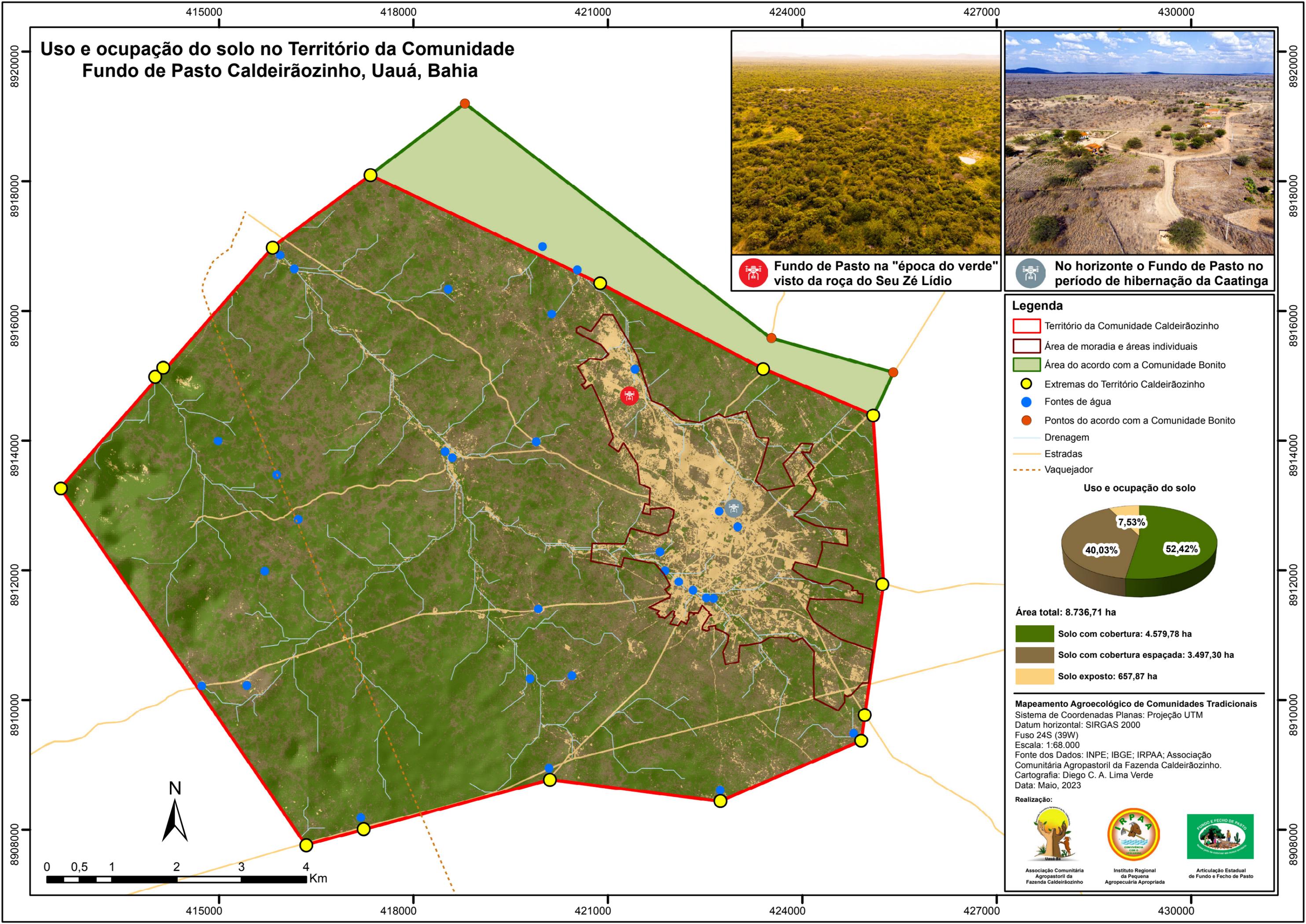
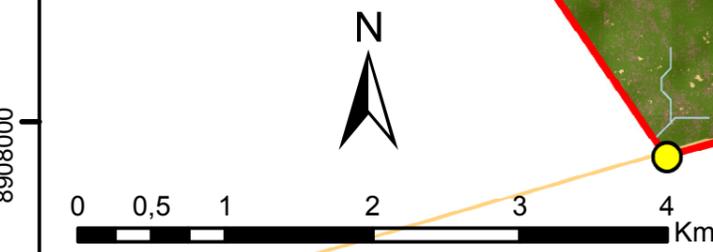
Área total: 8.736,71 ha

- Solo com cobertura: 4.579,78 ha
- Solo com cobertura espaçada: 3.497,30 ha
- Solo exposto: 657,87 ha

### Mapeamento Agroecológico de Comunidades Tradicionais

Sistema de Coordenadas Planas: Projeção UTM  
 Datum horizontal: SIRGAS 2000  
 Fuso 24S (39W)  
 Escala: 1:68.000  
 Fonte dos Dados: INPE; IBGE; IRPAA; Associação Comunitária Agropastoril da Fazenda Caldeirãozinho.  
 Cartografia: Diego C. A. Lima Verde  
 Data: Maio, 2023

### Realização:





Umbuzeiro na área da roça da Adelita e do Izach

**ALIMENTO TRADICIONAL** - “A marmelada de umbu é um doce feito no sol. Quando eu era criança sempre via minha mãe e minha vó fazendo. Elas colocavam em uma vasilha o umbu maduro, furavam ele todinho, espremiavam a água fina, tiravam a carne grossa do caroço e da casca, para depois colocar a carne grossa em uma pedra no sol para secar. Era uma dificuldade para secar porque elas faziam cru. As vezes passava de 3 a 5 dias para secar e se não secasse tinha que jogar fora porque estragava. Eles não colocavam açúcar e era bem azedinho e duro, ainda lembro do gosto.” **EXPERIÊNCIA CULINÁRIA** - “Quando eu fui para Uauá em 1986 eu já era acostumada a fazer a marmelada de umbu na fazenda. E aí, comecei a fazer para vender. Fazia e mandava para Salvador, São Paulo, Juazeiro e Sergipe. Eu mandava minha marmelada para todo canto. Todo mundo comprava. Eles encomendavam e eu mandava. E aí, ainda naquela época, eu decidí fazer do umbu cozinhado. Eu lavo o umbu, tiro todas as cabecinhas, coloco em uma panela, coloco no fogo com uma xícara de açúcar e deixo cozinhar. Quando está no ponto de desmanchar, que soltou aquela água fina todinha, escorro a água, bato ele bem batido na mão mesmo e quando esfria, tiro o caroço todinho, coloco em uma assadeira e coloco no sol para secar. Depois coloca na geladeira para conservar. Para comer é bom tirar um pouco da geladeira, esperar um pouco e comer, porque se não fica muita dura. A marmelada quanto mais passa o tempo, mas gostoso fica.” *Adelita Ribeiro Moraes, agricultora e cozinheira.*



Vinho de umbu tradicional

**“O vinho do umbu a gente espreme, tira a água fina, coloca no fogo e ferve até apurar”**



Barra da marmelada de umbu



Adelita apresentando a marmelada de umbu



**Caraibeira florida próximo a área de moradia da Comunidade**



**Família do Zé Lídio e Maria mostrando suas sementes crioulas**

**AS ROÇAS DE SEQUEIRO** - “O período chuvoso é entre outubro e novembro. Após as chuvas nós preparamos a terra, contratamos horas de “besouro” (trator com arador de terra) e logo depois vem o plantio. Nessa hora recorremos ao nosso estoque de sementes crioulas que é armazenado em frascos de refrigerante, pois nesses frascos elas não estragam. As sementes que são armazenadas são feijão-de-corda, milho, melancia, abóbora e melão. São sementes bem selecionadas, pois tiramos das melhores verduras e frutas que produzimos. São sementes que se habituaram ao nosso clima. O plantio é feito com máquina manual de plantar. Plantamos na terra úmida e após o plantio as plantas demoram entre 5 e 6 dias pra nascer. Após o milho e o feijão atingirem 20 centímetros, os matos começam a nascer, então, vem as “corridas de enxada”, que é limpar a roça. É um processo que o trabalhador com a enxada arranca todos os matos que nascem ao redor do que plantamos. A roça estando limpa proporciona que toda molhação se direcione para as plantas que foram plantadas e não para os matos. Isso faz com que a umidade da terra prolongue por mais tempo. O feijão, o milho e a melancia demoram entre 3 e 4 meses pra produzir, já a abóbora demora entre 4 e 5 meses. Durante esse período é preciso ter chuvas regulares para manter a terra sempre úmida. A produção é um seguinte: o feijão-de-corda, a melancia e a abóbora são sempre “ganho”, mas o milho é muito dispendioso, pois se não chover em períodos certos, o milho “da perdido”. Já o feijão-de-corda e a melancia é ao contrário, elas são mais resistentes ao calor. Podemos dizer que em Caldeirãozinho somos referência quando se fala em feijão-de-corda, pois vendemos muito feijão verde e seco, além também, de vendemos melancia e abóbora. As pessoas que lidam com a roça gastam muito, mas tem retorno. Não é muito, mas ajuda. De modo geral, as pessoas daqui de Caldeirãozinho não são diferentes da gente, tem pessoas que preferem investir mais em milho e capim, já outros plantam aipim e por aí vai as diversidades”. *José Ribeiro Pereira (Zé Lídio) e Cleiton Barbosa Pereira, agricultores e criadores.*



**Roça tradicional de sequeiro do Zé Lídio e Cleiton**



**Celina feliz com seu quintal tradicional**

**“É comida plantada em casa”**

**NO QUINTAL DE CASA** - “Eu e o Cleriston que tomamos conta do quintal. Se um é de manhã o outro é a tarde. Aqui tem carambola, pitanga, maracujá normal, maracujá-da-caatinga, tomate graúdo e tem do cereja também. Esse cereja não acaba fácil. Qualquer semente que eu jogo aqui elas nascem. As rúculas plantei uma vez só e elas tomaram conta do cercado. Elas ensemantam e as sementinhas bem pequeninhas, parecendo de mostarda, brotam quando chove. Temos goiaba e acerola também. Há muito tempo a gente tem essas fruteiras. Esse pé de graviola antigo, os passarinhos beliscam as graviolas e a semente cai e nasce o pezinho. A gente aproveita para plantar essas mudas em outro canto. Eu comprei outro dia de um rapaz a muda de jaca e também de abacate para plantar. A gente também plantou jambo e pitanga. Queremos ter de tudo.” *Celina Gonçalves dos Santos, agricultora.*



**No quintal do Zé Lídio de tudo tem**

**COMIDA DE VERDADE** - “Eu sou encantada por roça. Deixei a cidade de Uauá para vir morar aqui. Eu sou apaixonada por bichos, plantas e a natureza como um todo. Aqui no meu quintal é tudo plantado por mim. Aqui é tudo misturado. Tem inhame, milho, macaxeira, gergelim, quiabo, seriguela, bananeira, pinha, pitaia, graviola, batata e acerola. Tem também o andu que a gente come muito no verão porque ele só bota no sol. A couve-folha eu também adoro. Dela a gente faz o suco, o refogado e a salada crua. Tem até café. Toda vida fui iludida pela planta do café, aí, um conhecido meu foi pra São Paulo e trouxe essa muda para mim. Já está carregada e ficando tudo vermelhinho. Tem também planta de remédio, como a malva-da-costa, boldo, capim-santo, pimenta-dália e um monte outras medicinais. É tudo natural. O bom que quando a gente come as plantas daqui do quintal, sem veneno, a gente sabe que está comendo comida saudável.” *Adelita Ribeiro Moraes, agricultora.*

**“Comer o que a gente planta vale muito mais a pena”**



**Flor do maracujá-da-caatinga**



**Adelita e Izach no quintal diverso e produtivo**



**Hortaliças produzidas em pneus**



**Couve-folha verdinha**

## Terra e Território



**Criação de galinha de capoeira e peru**



**Acerola no ponto**

## Terra e Território



**Criação de porcos**



**Hortelã cultivada na bacia**



**Zé Lídio e o pé de castanha**



**Maracujá-da-caatinga no quintal**

**“Tem dia que a gente olha para o quintal e fica difícil escolher qual fruta vai fazer o suco de hoje, qual salada vai ter no almoço e quais plantas de remédio a gente vai tomar. É muita fartura. Tem de tudo um pouco”**



**Goiaba do quintal**

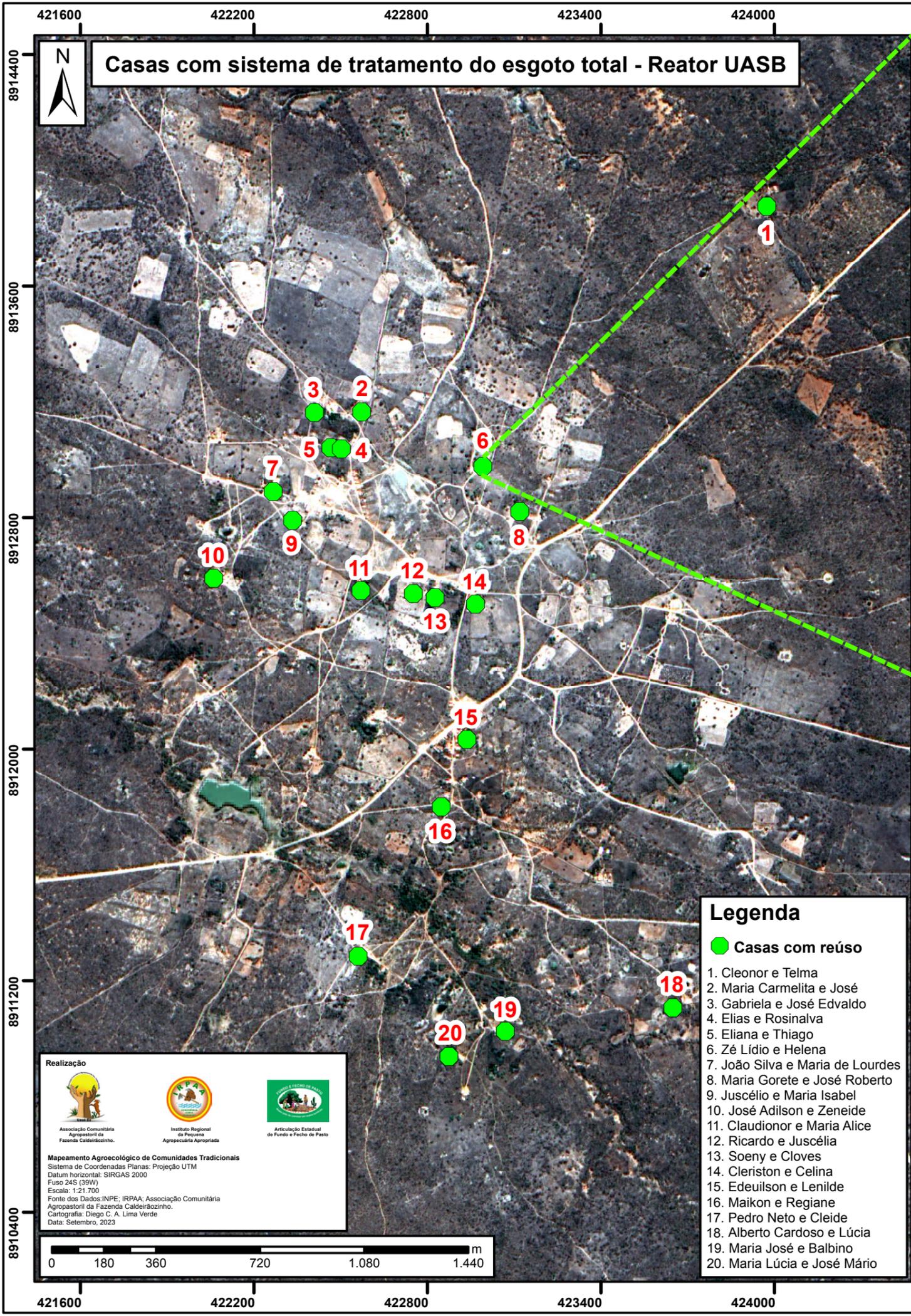


**Jerimum**

**ALIMENTAR E NUTRIR** - “Para mim é muita vantagem ter essas plantas aqui no quintal. É uma diversão. Todo dia tem o que cuidar. É uma melhoria para a vida da gente. A gente tem uma laranjinha, um limão, um maracujá, uma goiaba e outras coisas para fazer o suco. É uma beleza ter um quintal. Faz bem para a saúde do corpo e da mente também.” *José Ribeiro Pereira (Zé Lídio), agricultor e criador.*



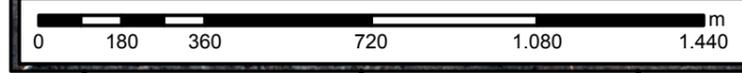
**Casa do Claudionor e Maria Alice**



- Legenda**
- Casas com reúso
1. Cleonor e Telma
  2. Maria Carmelita e José
  3. Gabriela e José Edvaldo
  4. Elias e Rosinalva
  5. Eliana e Thiago
  6. Zé Lídio e Helena
  7. João Silva e Maria de Lourdes
  8. Maria Gorete e José Roberto
  9. Juscélio e Maria Isabel
  10. José Adilson e Zeneide
  11. Claudionor e Maria Alice
  12. Ricardo e Juscélia
  13. Soeny e Cloves
  14. Cleriston e Celina
  15. Edeuilson e Lenilde
  16. Maikon e Regiane
  17. Pedro Neto e Cleide
  18. Alberto Cardoso e Lúcia
  19. Maria José e Balbino
  20. Maria Lúcia e José Mário

**Realização**

**Mapeamento Agroecológico de Comunidades Tradicionais**  
 Sistema de Coordenadas Planas: Projeção UTM  
 Datum horizontal: SIRGAS 2000  
 Fuso 24S (39W)  
 Escala: 1:21.700  
 Fonte dos Dados: INPE, IRPAA, Associação Comunitária Agropastoril da Fazenda Calderãozinho.  
 Cartografia: Diego C. A. Lima Verde  
 Data: Setembro, 2023



## Terra e Território



**Adaptação do reuso para fruteiras e forrageiras**

**RENDA E SUSTENTABILIDADE** - “Antes do sistema de reuso da água, nós usávamos a fossa somente para água do sanitário. A água da pia do banheiro, da cozinha e da pia de lavar roupas era encanada para fora de casa. Geralmente, direcionada para o meio das palmas. Era água misturada com sabão e gordura que não serve para as plantas. Sem falar, que no período de um ou dois anos a fossa enche, e então, temos que pagar uma pessoa para bombear a água da fossa para fora no meio das palmas. Água com mau cheiro. São processo que para o meio ambiente não é favorável. Sem contar, que é uma água totalmente desperdiçada. Já com o sistema de reuso de água, vindo através do IRPAA, foi um processo bem inovador. É ótimo para o meio ambiente porque é aproveitado 100% da água. Toda água da casa, seja do banheiro ou das pias é usada no sistema de reuso. Essa água depois que passar pelo processo do sistema, ela é toda bombeada para as plantas através de um sistema de irrigação. Nesse sistema de irrigação 100% da água vem do reuso. Essa tecnologia tem trazido bons resultados, pois em menos de um ano já temos frutas no pé, através de plantas enxertadas. Melhorou muito para nós. Hoje, podemos dizer que temos uma chácara com plantas frutíferas. Isso melhorou no bolso e também economizamos no esvaziamento das fossas que a gente pagava todo ano pra fazer.” *Cleiton Barbosa Pereira, agricultor e criador.*

## Terra e Território



**Assessoria técnica agroecológica para o sistema de reuso**



**O reuso já deu frutos**



**Alberto falando sobre o a importância do sistema**



**Parte da área de moradia da Comunidade**





Realização:



**MISEREOR**  
IHR HILFSWERK